



A entrada da igreja, policiais ajudam a anciã que vai prestar sua homenagem a Tancredo



O boneco que acompanhou Tancredo em sua campanha não faltou à festa do adeus



Comovidas, jovens sanjoanenses acenam em despedida a Tancredo Neves

# Vivas e flores. Em São João, a festa do adeus

SÃO JOÃO DEL REI — As manifestações de carinho de uma população em estado de exaltação davam a impressão de que Tancredo Neves estava cumprindo a promessa de voltar à sua terra natal para comemorar, em praça pública, a sua posse como Presidente da República. A lembrar o trágico desfecho, apenas o ar solene dos parentes e autoridades que participavam do cortejo que conduzia o corpo do Presidente.

No mais, durante as quase duas horas que durou o percurso para cobrir os dez quilômetros que separam o aeroporto da cidade da igreja de São Francisco de Assis, o ambiente não era de tristeza. Uma multidão calculada em mais de 100 mil pessoas parecia festejar, em delírio, a passagem de seu líder. Faixas reproduzindo as suas frases, "posters", cartazes, bandeiras, gritos de viva e uma chuva de papel picado e pétalas de flores.

Este estado de espírito já dominava a pequena e histórica São João del Rei desde a véspera, quando a cidade pareceu ter firmado um pacto para conter suas lágrimas e, no último adeus, preparar a chegada em clima de apoteose.

O Comandante do 11º Batalhão de Infantaria, Tenente-Coronel Rômulo Bini tomou uma providência drástica durante a madrugada: antes do amanhecer, a estrada que conduz a São João del Rei foi bloqueada e, desde então, nenhum veículo pôde mais entrar na cidade até que o corpo come-

casse a ser velado na igreja de São Francisco de Assis. E que São João del Rei estava saturada de visitantes desejosos de assistir ao funeral e temia-se a repetição dos incidentes do dia anterior, em Belo Horizonte.

Faltavam 10 minutos para as 9 horas, quando, ao longe, despontou no céu o Búfalo da FAB escoltado por uma esquadrilha de dez caças Tucano, em formação. No pequeno aeroporto, junto com as autoridades militares, parentes e pessoas muito íntimas do Presidente, além de um batalhão de mais de 150 jornalistas. Mas o Búfalo e sua escolta de Tucanos não fez sinal de que iria descer. O avião que trazia o corpo de Tancredo acompanhado por D. Risoleta, seus filhos Tancredo Augusto, Maria do Carmo e irmã Inês Marta, além dos netos Aécio e Andréia, os Ministros dos Gabinetes Civil e Militar, José Hugo Castelo Branco e Rubem Denys, e o Governador Hélio Garcia, de Minas, preferiu ir em frente. A pedido de D. Risoleta, o avião e sua escolta sobrevoaram Prados, Lagoa Dourada, Tiradentes e, por último, São João del-Rei.

Em terra, em expectativa angustiante, D. Zininha, irmã de Tancredo, amparava-se no braço do Ministro da Fazenda, Francisco Dorneles, sobrinho do Presidente. Aguardavam, também, D. Mariana, mãe de Dorneles, Dom Lucas Moreira



Neves, primo de Tancredo, e também Lucília de Almeida Neves, sobrinha e que está preparando sua tese de mestrado so-

**Em sua terra, Tancredo foi recebido sem desespero. A multidão festejou emocionada, mas serena, a volta de seu líder.**

bre Tancredo. Ao todo, 40 pessoas. Ausente Otávio, o irmão mais velho de Tancredo, que depois se juntaria ao cortejo no Solar dos Neves.

Com o pequeno aeroporto cercado por medidas excepcionais de segurança, com tropas do Exército, o Búfalo desceu às 9 horas. Três minutos foi o tempo que o avião levou até estacionar próximo à área reservada para os parentes. Um pelotão de nove soldados marchou, solene, para descarregar o esquife, enquanto pela porta da frente descia o Governador Hélio Garcia, amparando D. Risoleta.

Uma fila de 70 pessoas se formou para os cumprimentos a D. Risoleta e nela se encontrava, também, o ministro para Assuntos Extraordinários, Mauro Salles. Dez minutos depois, com o esquife coberto pela Bandeira Nacional e muitas flores já colocado no carro de combate, o cortejo iniciava seu deslocamento para a igreja de São Francisco de Assis, onde o corpo seria velado.

Logo na saída do aeroporto, a primeira faixa saudando o Presidente morto, homenagem da cidade de Ipatinga, no Leste mineiro. Em todo esse trajeto de uns dez quilômetros. D. Risoleta iria encontrar centenas de outras faixas, afixadas nas sacadas, janelas, cruzando as ruas ou agitadas nos braços de populares. Apesar da distância, ao longo da estrada havia gente

aguardando a passagem do cortejo, ao qual, pelo caminho, foram-se juntando grupos de motociclistas, ciclistas, pessoas a cavalo e até um grupo de umas 500 pessoas que decidiu acompanhar a caravana correndo.

Na medida que o cortejo foi se aproximando do primeiro bairro, o Colônia do Marçal, D. Risoleta pôde sentir como seria a recepção que o Presidente teria na sua cidade natal: não havia uma casa próxima à estrada que não tivesse as janelas, portas e até os terraços tomados de pessoas acenando bandeirolas e lenços, jogando flores e papel picado e dando vivas a Tancredo.

Logo em seguida, o cortejo passa pelo Bairro das Fábricas. O número de manifestantes cresce. Agora os policiais da escolta começam a ter dificuldade para conter a multidão. No asfalto, cruzeiros e dizeres de saudação a Tancredo, desenhados com flores, serragem e folhas de árvores. Na medida em que o cortejo avança, a multidão vai-se tornando cada vez mais compacta. Grande número de pessoas já está acompanhando o cortejo, que mais parece uma caravana cívica.

Quando a procissão aponta na avenida Rui Barbosa, já entrando no centro da cidade, o clima é apoteótico. Pessoas em cima das árvores, lotando as calçadas, as janelas, algumas desafiando os PMs e cruzando a avenida. Os espaços altos estão tomados por faixas e cartazes. Os manifestantes estão organizados. Alunas da Escola Tiradentes, com seus uniformes, cantam a Valsa da Despedida à passagem do cortejo, que pouco antes fora também saudado pelo estridente apitar das locomotivas do Museu Ferroviário. Há também grupos de moças com camisas idênticas, homens e mulheres também uniformizados, crianças, homens, mulheres, todos envolvidos numa gritaria ensurdecedora.

O cortejo avança, entra pela rua Artur Bernardes e já tem dificuldade para prosseguir, tal o número de manifestantes, apesar dos cordões de segurança estendidos em todo o trajeto e da ação enérgica da Polícia Militar. Na Rua Duque de Caxias, quando a caravana, já com mais de dois quilômetros de extensão, se aproxima do Solar dos Neves, é que ocorre a mais sentida explosão de emoção e carinho. O pequeno largo onde se situa a casa de floridos balcões está completamente saturado de faixas e pessoas. Há dificuldades até para as manobras do carro blindado que transporta o esquife.

Com muito sacrifício e não poucos empurrões, os policiais conseguem abrir um claro para a passagem do esquife, e de D. Risoleta e sua comitiva, já então acrescida do assessor do falecido Presidente, Antônio Brito.

E durante a quase uma hora em que o cortejo se demorou no solar, para as preces que D. Risoleta fez a Tancredo, a multidão parecia fora de si, tal o grau de excitação. O único momento de silêncio, este realmente absoluto, foi quando D. Risoleta faz um breve mas sereno pronunciamento. Pouco depois, o cortejo terminava, uma centena de metros à frente, na porta da Igreja de São Francisco de Assis.